

A irmã, Henriqueta Madalena

“Ele sabia o valor que tinha”

«Não me macem, por amor de Deus!»

Queriam-me casado, fútil, quotidiano
[e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário
[de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes,
[a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!»

Álvaro de Campos, *Lisbon Revisited*

Maria Ivone de Ornellas
de Andrade

«JL» — Sirva-nos de cicerone por esse espaço familiar de seu irmão, passado em Durban, e também vivido em língua inglesa.

Henriqueta Madalena Rosa Dias — Lembro-me pouco do Fernando nessa altura. Por todo esse tempo ele era uma criança que se entretinha sozinho. Eu era muito pequena, lembro-me apenas de o Fernando estar na escola e regressar à tarde. Depois, já com o meu irmão Luís, o Fernando brincava connosco. Éramos as personagens de uma história continuamente inventada por ele. Cobia-me ser um tenente francês, a meu irmão, outro papel, que já esqueci... De tal modo o Fernando levava a sério a brincadeira que, por vezes, até fora da ficção eu continuava tenente francês. Aliás, continuei a sê-lo por muitos anos. A realidade era constantemente transfigurada, e nós protagonistas da sua *rêverie*. Havia também um Quebrando-Ossos, personagem que assustava crianças. Não a nós, claro. Como sabe, tudo isto é bastante inglês. O Fernando desde criança lia muito, e na literatura inglesa tanto o fantástico como os *fairy-tales* são bem comuns.

P. — Lembra-se do Fernando receber o Queen Victoria Memorial Prize?

R. — Foi muito comentado em casa. Bem vê, ele tinha só 15 anos e recebia um prémio por um ensaio escrito na língua adoptiva, que, aliás, dominava primorosamente, e isto entre centenas de candidatos. O director, o Nicholas, interessava-se muito pelo Fernando. Ele era um aluno distintíssimo, excelente até nas línguas clássicas. Mas Shakespeare e Milton foram leituras da sua predilecção e constante fonte de estudo. Muitas e muitas coisas só vim a saber muito depois, quando a sua obra passa a ser tema de estudo. E compreende-se, na época era muito pequena.

P. — Tem pena de não ter sido sua companheira de brinquedos?

R. — Em parte fui. Apesar de ter menos nove anos, participei na sua vida. Sabe, o Fernando era um tanto estranho, não era muito acriançado, nem gostava de certas coisas que me agradavam, mas davamo-nos bem na mesma, ele era muito amigo dos irmãos mais novos. E lá por termos idades diferentes, não queria dizer nada porque nos arrastava para o seu inesquecível mundo mágico.

Outra coisa de que me lembro é, como sabe, do seu medo de trovoadas, metia-se no lugar mais escuro, nem que fosse um cubículo. Tinha um medo pavoroso dos relâmpagos, quando ouvia os trovões ficava aliviado. Era uma fobia nervosa que o incomodava a valer. Então em África onde havia tanta trovoadas...

P. — *Pickwick Papers* fez também parte das suas leituras de infância?

R. — Não, das minhas não, era leitura do Fernando. Ele gostava muito de Charles Dickens; gostou sempre, mesmo depois de adulto. Todas aquelas personagens eram-lhe muito queridas. De tanto ser lido, o livro estava até um tanto gasto.

P. — Como era Durban?

R. — Ai, Durban era uma cidade bonita! A beira-mar, já se sabe. Tem o Bluff, que é assim uma língua de terra alta, como se fosse um paio, com um farol, à entrada da barra. Todos nascemos lá, excepto o Fernando.

P. — Sabe se Fernando Pessoa teria gostado de viajar?

R. — Não sei... Ele viajou bastante em navio. Aquelas viagens de barco impressionaram-no muito. De resto, o mar, os barcos, os cais ficaram na sua obra.

P. — Pensa que o Fernando se sentia dividido entre as duas línguas?

R. — Absolutamente. Então o Fernando, que estava tão enfiado na literatura ingle-

sa, no modo de ser inglês!... Sendo ao mesmo tempo tão latino no sentimento.

P. — Como reagiram os pais à sua desistência do Curso Superior de Letras?

R. — Tiveram uma grande desilusão, um grande desgosto. Repare, justificava-se a sua vinda para Portugal por causa da Faculdade. Meu pai acertava quando lhe chamava «teimoso manso»; ele era realmente uma pessoa dócil, mas fazia sempre o que queria. Minha mãe preocupava-se imensamente. Suspeito mesmo que a constante preocupação concorreu para a sua doença. Se não queria frequentar o Curso de Letras, arranjasse, então, um bom emprego, pensava a mãe. Ele que era tão qualificado... Ela trazia aquele filho «atravessado». Às vezes dizia: «Os meus outros filhos talvez não sejam tão inteligentes como o Fernando, mas ao menos são mais normais.»

«Ele sempre teve medo da loucura»

P. — Numa página do seu «Diário» (25.7.1905), Fernando queixa-se da falta de compreensão da família: «Na minha família não há compreensão do meu estado mental — não, nenhuma. Riem-se de mim, escarnecem-me, não me acreditam. Dizem que o que eu pretendo é mostrar-me uma pessoa extraordinária.» Chegou até si notícia destas queixas?

R. — Ah, sim! Ele sempre teve medo da loucura. E tinha medo porquê? Por causa da avó Dionísia, mãe do pai. Ela deve tê-lo impressionado muito. Davam-lhe até ataques de fúria. Chegou mesmo a ser internada. Com certeza que aquele universo de delírio marcou a sua sensibilidade. O Fernando toda a sua vida teve o pavor de enlouquecer como a avó, ou de morrer tuberculoso como o pai. Mais a mais, nem sequer era forte. Em dada altura, até meu pai achou que ele devia fazer uma ginástica especial para fortalecer. Desse tempo ficou-lhe o hábito de tomar diariamente um banho frio. Depois, como ao Fernando, de quando em quando, lhe davam aqueles acessos de excitação cerebral, tinha receio de que alguma coisa errada se passasse.

P. — Ainda, de um fragmento não datado: «Não tenho ninguém em quem confiar, a minha família não entende nada.» Trata-se apenas do usual complexo de incompreensão de um jovem?

R. — Penso que sim, ainda mais quando são muito inteligentes sofrem de certo desequilíbrio. Se ele encontrou um bocado de incompreensão até foi mais tarde.

P. — «Um amigo íntimo é um dos meus ideais, um dos meus sonhos quotidianos, embora esteja certo de que nunca chegarei a ter um verdadeiro amigo íntimo» (apontamento sem data). Pensa que, embora tarde, Mário de Sá-Carneiro veio a ser a realização aproximada deste sonho, ou não houve ninguém a ocupar tal lugar na sua vida?

R. — Não sei... Não sei... Realmente ele foi um grande amigo do Fernando, mas talvez só no plano intelectual. Conviviam pouco para uma intimidade. Sá-Carneiro vivia em Paris; quando vinha, ia para a quinta que tinha para os lados de Camarate. Correspondiam-se, como se sabe. E depois, foi uma amizade que durou pouco, dado o seu suicídio.

O Ferreira Gomes e o primo Vitoriano Braga eram realmente muito seus amigos, faziam parte de um grupo muito chegado.

P. — Acompanhou-o algumas vezes?

R. — Ainda fui com o Fernando a S. Bento, a casa do Vitoriano. E, claro, aos cafés não. Lá era o seu lugar de encontro, nos cafés tinham as suas tertúlias.

P. — Depois de 1912, Pessoa vai entrar num período fecundíssimo: estreia-se como crítico, escreve *O Marinheiro*, *Epithalamium*, *O Guardador de Rebanhos*, entre outros. Álvaro de Campos aparecerá com a *Ode Triunfal*. Chega a Durban alguma confidência que dê uma ideia desta imensíssima criatividade?

R. — Certas coisas, um tanto extraordinárias, ele evitava dar a saber. Devia temer que a família não o compreendesse.

P. — Tiveram conhecimento do lançamento da revista *Orpheu*? Deram-se conta da sua importância?

R. — Só muito, muito mais tarde. Não só não nos deu conhecimento do facto, como não



Henriqueta Madalena: «Não lhe demos a importância que ele merecia»

mandou nenhum exemplar. Por essa altura a mãe tinha adoecido e a correspondência era trocada mais com meu pai. Nós escrevíamos pouco, só de longe em longe. Mas quando no regresso, soube do caso, pensei que eles eram loucos, que eram extraordinários, e que se tinham metido numa coisa assustadora. Chegaram a andar fugidos da polícia...

P. — Com a morte de seu pai, regressam todos definitivamente e passam a viver juntos por alguns anos, na Rua Coelho da Rocha. Que recordações guarda desse reencontro?

R. — Foi dramático. Quando chegámos ao cais, não estava ninguém à nossa espera. Só depois apareceu o Fernando com o Mário. Vínhamos para um país a bem dizer estranho, o pai tinha falecido, a mãe vinha doente, em Pretória tínhamos deixado uma linda casa e nem sequer sabíamos onde íamos viver. Já com os meus vinte e três anos, estava apavorada, só me apetecia voltar.

Mas, claro, o Fernando sentia-se muito feliz. Embora a mãe se encontrasse meia paralítica, mentalmente não estava afectada. Perdera a vivacidade, é certo, nem era brilhante como outrora; no entanto, ouvia com atenção as poesias que ele lhe lia, sentado a seu lado, dando a sua opinião como lhe era sempre pedido. O Fernando era muito meigo com a mãe.

P. — Como era o quotidiano familiar de Pessoa?

R. — Tinha um dia-a-dia muito vulgar. Não se levantava nem muito tarde nem muito cedo, dependendo do tipo de noite. Tinha muitas noites insones e muitas vezes até o ouvíamos a andar no corredor para trás e para diante. Era nessas alturas que ele mais produzia, escrevia imenso.

Entre as nove e meia e as dez saía, para o escritório ou não, porque não estava obrigado a cumprir nenhum horário. Trabalhava quando queria e lhe apetecia. Costumava almoçar em casa, salvo se almoçava com amigos. Voltava a sair e vinha para jantar, raramente saindo à noite. Muitas vezes ficava no quarto, a escrever, supondo. Podia, contudo, ir trabalhar de noite para um dos escritórios, posto que tinha as chaves. Frequentava e levava a casa muito poucos amigos. Ocasionalmente tínhamos serões divertidos. Ficávamos os quatro irmãos até às três e quatro da manhã, rindo muito e discutindo tudo quanto havia. Como o Fernando adorava música clássica, também ia muito ao S. Luiz, aos concertos. Já ao cinema penso que nunca foi.

A importância da mãe

P. — Os sobrinhos devem guardar uma boa recordação do convívio com o tio...

R. — Davam-se muito bem. Ele tinha uma paciência infinita... A Maria Manuela, só então Lili, brincava com ele de barbeiro e de manicura. Divertiam-se muito. O Luís Miguel, embora pequeníssimo, também entrava nas brincadeiras. O Fernando adorava fazer surpresas: costumava trazer sempre um presentinho para a minha filha que escondia debaixo do guardanapo. Dedicou um poema à Lili, mas não me lembra.

P. — Como aceitou a morte da mãe?

R. — Foi horrível. Teve um desgosto profundíssimo. Pela primeira vez vi-o exaltado. A mãe teve uma agonia prolongada, e naquela aflicção disse-lhe: «Tomara que a mãe acabe, todo este sofrimento...» Não digas isso, nunca se deve desejar a morte a ninguém, observou.

Foi a única vez que o vi muito perturbado. Para lá do terror à morte, a mãe era talvez o único laço a prendê-lo à vida.

P. — Recordar-se de algum episódio interessante dessa época?

R. — Adorava fazer partidas, metia-se muito comigo. Frequentemente, à hora do almoço, ia até à janela esperar por ele. Mal me via, começava a fazer de bêbedo: andava aos ziguezagues, tropeçava, tirava o chapéu ao candeeiro. Eu ficava encavacádisima e, claro, desaparecia logo. Quando chegava, dizia-lhe: «Ai, que vergonha, que vergonha, vão achar que tu és maluco!» Achava muita graça. Tomara ele que toda a gente o julgasse maluco, não se importava nada.

P. — Fernando Pessoa em «flagrante delicto» foi muito incómodo para a família?

R. — Não. Nunca o vi bêbedo, nem ninguém da minha família. Ele mantinha sempre a mesma compostura. É possível que estivesse habituado ao álcool, devia ter começado a beber muito cedo.

Meu primo, Jaime Neves, costuma dizer-me: «Ó Teca, tu que falas com toda essa gente, porque não lhes dizes que o Fernando nunca foi visto bêbedo? Claro, sei que ele bebia bastante, até porque via os garraões de vinho que comprava e tinha no seu quarto. Mas não alterava a sua maneira de ser.»

P. — Ralhou-lhe algumas vezes?

R. — Muitas vezes. Ralhei muito, muito mesmo. Ouvia muito calado, não respondia. Eu ficava incomodada, sobretudo com medo que ele adoecesse. Sabia que aquilo lhe haveria de fazer mal.

P. — Octávio Paz escreveu que depois de anos de procura, Fernando inventa-se. Que pensa do processo heteronímico, entendendo-o como jogo, desdobramento psíquico, ou como a manifestação mais radical de vocação de unidade, embora através de um processo de sinal contrário?

R. — Acho que se trata, sem dúvida, da busca de unidade.

P. — Alguma vez teve curiosidade em saber o porquê da heteronímia?

R. — Não. De certo modo, era a continuação ficcional das nossas representações de infância. Para mim tratava-se sempre de Fernando Pessoa.

P. — Como é nascer irmão de uma pessoa «multiplicável»? Entrou alguma vez no jogo heteronímico, tal como a Ofélia com Álvaro de Campos?

R. — Ser irmã é uma daquelas coisas que se aceita porque se tem de aceitar. (Risos.) Para lhe dizer com toda a franqueza, até talvez fosse ignorância, mas eu nunca liguei a isso. Quando o Fernando falava do Álvaro de Campos, do Reis, ou de outros, para mim era sempre ele. Naturalmente entraria no jogo como, aliás, entrei já em criança, sem essa designação.

Às vezes, ao almoço, ele dizia: Estive excitadíssimo esta noite, estou muito cansado, não dormi nada, desconfio até que tive febre. Escrevi isto, acrescentando com naturalidade, isto é Álvaro de Campos. E recitava. No íntimo, achava uma fantasia, não o tomava seriamente, conquanto ele dissesse tudo muito a sério. Evidentemente, nunca fiz troça, aceitava, mas a minha imaginação não ia tão longe.

P. — A exemplo das confidências esotéricas que Pessoa fazia à Tia Anica, alguma vez trocaram impressões sobre ocultismo?

R. — Tenho já a dizer que não gosto nada daquilo que é misterioso ou desconhecido, e nunca me debrucei sobre isso; logo, eu não era ideal para essas confidências.

No tempo da Tia Anica, era ainda ele muito novo, atravessou uma fase de curiosidade que tanto tocava a escrita automática como o hipnotismo. Ler a sina ou descobrir a personalidade através dos ossos na cabeça tinham sido experiências de pequeno. Ele lia muito sobre ocultismo e veio a traduzir, mais tarde, muitas obras nesse domínio.

P. — Imagino como foi divertido para Pessoa ser protagonista daquele episódio policial com Aleister Crowley. Comentou consigo toda aquela encenação do desaparecimento do mago, na Boca do Inferno?

R. — Contou-me que ele tinha desaparecido misteriosamente, mas o Fernando também guardava um certo segredo sobre o caso. Com o meu marido é que ele se abriu, às vezes, estavam a segredar...

P. — Na época, foi uma grande leitora de seu irmão?

R. — Li algumas publicações dispersas, mas principalmente depois da Mensagem e sobretudo depois de ele falecer.

P. — Quando descobre que o seu irmão não é só o Fernando, mas o poeta Fernando Pessoa?

R. — Isso acontece gradualmente. Lembre-se de que estivemos separados muito tempo. Regressámos da África do Sul, em 1920. Na época, sabíamos perfeitamente que tudo quanto o Fernando escrevia era belo. Bem vê, não podíamos evitar saber que aquilo que escrevia era bom.

P. — Apesar de tudo, muito e do mais representativo havia sido publicado em vida do poeta. Teve a intuição da sua genialidade, ou foi só depois de descoberto o tesouro da célebre arca?

R. — Sabíamos que era um poeta, mas, naquela altura, imaginá-lo na extensão da sua grandeza era impossível. Aliás, nunca pensámos que a sua obra chegasse a ser publicada. O Fernando andava sempre a adiar e quando lhe falávamos nisso, oferecendo até a nossa ajuda, invariavelmente dizia que estava a organizá-la. E realmente estava. Tenho, porém, a certeza de que por mais tempo que ele vivesse, acharia sempre que não era altura. Quanto à sua genialidade, fui levada a pensar nisso mais tarde e através das opiniões de outras pessoas. Por mim, nunca saberia que ele é um dos maiores poetas; todavia, acho alguns dos seus poemas geniais. Mas, mesmo que os outros não concordassem, pensaria do mesmo modo.

P. — Por algum motivo tinha Pessoa o sonho de uma tipografia...

R. — Assim, publicaria a sua obra. Era um sonho seu e durante muito tempo pensou vir a realizá-lo. Foi pena que a Ibis falhasse. Como para tudo era preciso dinheiro, e ele não o tinha, não passou de um sonho.

P. — Pensava que a sua obra fosse tão vasta?

R. — Nunca pensei, nunca, nunca. Só vim a fazer uma ideia depois da sua morte, quando começaram a mexer na arca.

P. — Consideremos o *Guardador de Rebanhos* aquele «éxtase» de 8 de Março de 1914, como Pessoa escreve a Adolfo Casais Monteiro. No entanto, já reparou que a última página do manuscrito tem a data de 1911-1912?

R. — Não sei que lhe diga... Na verdade, é estranho.

P. — Da obra de seu irmão, o que mais a toca?

R. — Gosto muito da Mensagem, é exaltante e eu sou muito patriótica; da poesia Abdicção. Toca-me especialmente. Sinto que o define: ele abdicou de tudo. Também de Poesia e muitos, muitos outros poemas.

P. — Como reagiu Fernando Pessoa à atribuição do 2.º lugar à Mensagem, no concurso ao Prémio Antero de Quental?

R. — Não ligou nada. Não era pessoa para dar importância a essas coisas. Ele sabia o valor que tinha.

P. — Que diz de todas estas homenagens, destas celebrações?

R. — Acho muito bem por um lado, por outro, penso que é um bocadinho de mais. Ele merece as homenagens, mas os homens cansam-se com muita facilidade. Até tenho medo...

Ele viveu muito só

P. — Duvida que Pessoa não seja para sempre?

R. — O que é que pode ser para sempre?

P. — Para sempre como Virgílio, Dante, Shakespeare...

R. — Isso talvez sim, de agora em diante penso que sim. Em todo o caso, será sempre universal?

P. — Sabe que tratamento está a ser dado ao espólio?

R. — Acho que o melhor, em português, já foi publicado. Em inglês, há ainda muita coisa, mas em Portugal, não vale a pena.

P. — O que sente ao ver o poeta naquela solidão claustral dos Jerónimos?

R. — Dentro de mim, isso está muito, muito confuso mesmo. A ideia foi muito bela. É uma honra: colocá-lo nos Jerónimos é sinal de que é um dos grandes da nossa pátria. Mas ao mesmo tempo lamento que ele saísse do lado do pai, da companhia da família. Ficou tão só... Enfim, ele não está ali, e isso consola-me.

P. — Vem-me à memória uma conversa de há muitos anos, em que a Senhora Dona Henriqueta dizia que Pessoa tinha sido muito infeliz...

R. — Oh, sim, o Fernando foi muito infeliz! Pesou-lhe a solidão a vida toda. Todos aqueles quartos... Foi uma pessoa muito só, incompreendida, embora todos gostassem muito dele. E isso faz-me pena, muita pena.

P. — Houve a Ofélia...

R. — Sabe, nós nunca soubemos do namoro. Nem minha mãe, nem eu soubemos da existência da Ofélia. Só muito depois da morte do Fernando vim a ter conhecimento de que houvera alguém na sua vida. Na época, eu via, na cómoda, umas cartas com letra de mulher, mas até julgava tratar-se de algo totalmente passado. Afinal, tudo estava a dar-se na nossa presença. A verdade é que o Fernando jamais fez qualquer referência. Penso que nunca disse nada porque sabia que era algo impossível.

P. — Porquê impossível?

R. — Ele não tinha possibilidades económicas para constituir família. Ele sabia isso. De resto, uma das grandes preocupações da mãe e de toda a família era que ele arranjasse um bom emprego para não ter dificuldades. Fartámo-nos de o aborrecer por causa disso. E como não queria ouvir a família censurá-lo, desaparecia. Chegou mesmo a viver muito mal, mas não quis nunca sujeitar-se a um horário. Queria ter liberdade para trabalhar na sua obra.

P. — E Crosse nunca ganhou um prémio...

R. — Na verdade, tinha a ideia de um dia vir a receber bom dinheiro com as charadas. Valia-lhe aceitar as coisas conforme elas vinham, nunca se mostrava revoltado. De certo modo, era um fatalista.

P. — Que pensa fazer com as cartas da Ofélia?

R. — Vou guardá-las. Verdadeiramente, a minha vontade era entregá-las à própria. Mas a minha família não é do mesmo parecer, pensa que a sobrinha faria o mesmo que fez com as do Fernando.

P. — Não lhe agradou a publicação das cartas de amor?

R. — Detestei, fiquei indignadíssima.

P. — Mas porquê, se foi um contributo para o estudo da vida do poeta? A quem de direito pertencem as cartas?

R. — Já me foi dito que elas pertencem tanto a quem são endereçadas, como a quem as escreve. Não sei. Mas, primeiro, penso que cartas destas pertencem só aos dois e a mais ninguém; segundo, meteu o Fernando a ridículo.

P. — «Mas, afinal / Só as criaturas que nunca escreveram / Cartas de amor / É que são / Ridículas.»

R. — (Risos) Não sei, considero de muito mau gosto fazer negócio à custa de um sentimento. Houve quem aceitasse muito bem a publicação, alegando até que ela veio desmistificar aquela ideia de que o Fernando poderia não gostar de mulheres e coisas assim.

P. — Há, na verdade, textos pessoais que apontam para uma certa misoginia, assim como alguns estudiosos referem uma vertente homossexual, sublimada embora. Parece-lhe ter sido o seu irmão um misógino ou, antes e sempre complexamente, alguém que se fica pela idealidade excessiva da mulher?

R. — Nunca dei por tal. Porque era enormemente tímido perante as mulheres? Com efeito, o Fernando colocava a mulher num altar, veja-se o culto pela mãe. Mas admirava as mulheres, lembro-me mesmo de algumas que ele achava muito interessantes.

P. — Há alguma pergunta que gostasse que eu lhe fizesse?

R. — ...não sei... Não. Só posso dizer isto: Agora, hoje, que tudo já passou e não pode voltar atrás, que sou muito mais velha e tenho todo o tempo para pensar e para sentir, guardo muita mágoa de não ter convivido mais com ele, de não ter conversado mais, de não ter estado mais a seu lado. Afinal, ele viveu muito só. Agora que conheço a sua obra, que a leio e tento compreendê-lo mais e melhor, sinto grande desgosto porque, embora gostássemos muito do Fernando, fizemos pouco por ele. Não lhe demos a importância que merecia. É certo que ele se ocultava atrás da sua reserva e isso pouco ajudava. Mas as coisas simples guardava-as para si. Mas, embora ele não se mostrasse trágico — até era um bem disposto —, a verdade é que dá tristeza pensar naquelas horas todas, tantas horas, passadas sozinho.

Dados biográficos/2

Lê os filósofos gregos e alemães; os decadentes franceses; e o livro «que destrói parte de toda esta influência»: *La Dégénérescence* («Entartung») de Max Nordau.

Em Agosto morre a avó Dionísia deixando-lhe uma pequena herança. Com o dinheiro recebido, vai a Portalegre a fim de comprar material para montar uma tipografia em Lisboa.

Instala, na Rua da Conceição da Glória, 38 e 40, a «Empresa Ibis — Tipográfica e Editora», que mal chega a funcionar.

Recusa a oferta de bons lugares por os mesmos incluírem obrigações de horário que lhe seriam de obstáculo à realização da sua obra literária.

1908

Em Fevereiro são assassinados o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro.

Vai viver sozinho na Rua da Glória, n.º 4, r/c e começa a trabalhar nos escritórios de várias firmas comerciais como «correspondente estrangeiro».

Muda-se para um quarto alugado no Largo do Carmo, n.º 18, 1.º.

Numas notas autobiográficas fala da influência que sobre a sua poesia tiveram Antero, Junqueiro, Cesário Verde, António Nobre, Garrett e António Correia de Oliveira. O intelectual com o qual confronta estas experiências poéticas é o general Henrique Rosa, irmão do seu padastro, homem de cultura.

Escreve os primeiros fragmentos do *Fausto*.

1910

Escreve poesia e prosa em português, inglês e francês, com declarada influência dos simbolistas franceses e de Camilo Pessanha.

A 5 de Outubro é proclamada a República.

Em Dezembro é fundada no Porto a revista «A Águia».

1911

Accepta traduzir para português uma Antologia de Autores Universais dirigida por um editor americano e destinada a ser publicada no Brasil.

1912

Em Janeiro é fundada no Porto a Renascença Portuguesa. «A Águia», agora dirigida por Teixeira de Pascoas, torna-se o órgão deste movimento.

Estreia literária como crítico: em Abril publica em «A Águia» o artigo A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada, ao qual faz seguir, em Maio, uma polémica conclusão: *Reincidência...* Os dois artigos suscitam uma vasta controvérsia que se exprime sobretudo no jornal «República» através de um *Inquérito Literário* organizado por Boavida Portugal.

Em Outubro Sá-Carneiro parte para Paris e matricula-se na Sorbonne. Tem início a correspondência entre os dois amigos.

Em Novembro publica, em três números seguidos de «A Águia», o ensaio A Nova Poesia Portuguesa no seu Aspecto Psicológico e muda-se para uma casa da tia Anica, na Rua de Passos Manuel.

1913

Intensa actividade criadora, crítica e de polemista, colabora no semanário «Teatro» de Boavida Portugal e em «A Águia», escreve *Epithalamium*, *Hora Absurda*, *O Marinheiro*. É também um período intenso de discussão e de tertúlia com os jovens artistas da sua geração.

1914

Colecciona e traduz para um editor inglês 300 provérbios portugueses; publica em «A Renascença» número único, *Pauls e O Sino da Minha Aldela*, sob o título único

de *Impressões do Crepúsculo*. Sá-Carneiro regressa a Portugal.

Oito de Março: «dia triunfal» da sua vida; surge Alberto Caeiro e escreve os poemas do *Guardador de Rebanhos*. Quase em resposta a Caeiro, o ortónimo escreve a seguir os seis poemas de *Chuva Oblíqua*, texto-chave do Interseccionismo. É também deste período o aparecimento de Álvaro de Campos. Entretanto Fernando Pessoa muda-se, com a tia Anica e a sua família, para a Rua Pascoal de Melo e escreve fragmentos da *Teoria da República Aristocrática*. É de Junho a primeira poesia de Ricardo Reis.

No Outono deste ano começam as reuniões na Cervejaria Jansen, à Rua Victor Cordon, do grupo de que sairá «Orpheu». Em Novembro a tia Anica parte para a Suíça com a filha e o genro. Fernando Pessoa deixa a casa da Rua Pascoal de Melo, atravessa uma profunda crise depressiva.

1915

Primeira versão de *Antinous*.

Sai em Março o primeiro número de «Orpheu», acolhido com irritação e troca pela crítica e pelo público, que traz entre outras coisas *O Marinheiro* de Pessoa, *Opiário* e *Ode Triunfal* de Campos. Os directores são Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho. Outros colaboradores: Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, José de Almada Negreiros, Armando Cortes-Rodrigues e também Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho.

Pessoa aluga um quarto na Rua D. Estefânia, e colabora esporadicamente no quotidiano «O Jornal» de Boavida Portugal, na rubrica *Crónica da Vida que Passa*. Em Maio publica, no panfleto clandestino de João Camoesas, «Eh Real!», o artigo *O Preconceito da Ordem*.

Sai em Junho o segundo número de «Orpheu». Os directores são Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa; o editor é António Ferro. Pessoa publica *Chuva Oblíqua* e Campos a *Ode Marítima*. Em Julho «A Capital» publica uma local de tom sarcástico contra o grupo de «Orpheu», e Campos envia ao director do jornal uma carta de resposta que termina com uma alusão irreverente ao desastre sofrido, havia pouco, pelo político Dr. Afonso Costa. Alfredo Pedro Guisado e António Ferro, indignados, abandonam «Orpheu»; Sá-Carneiro e Almada também se dissociam da atitude de Álvaro de Campos.

Sá-Carneiro volta para Paris, de onde em Setembro escreve a Pessoa anunciando-lhe que por motivos económicos o projecto de «Orpheu 3» fica anulado. Pessoa traduz para a Livraria Clássica o *Compêndio de Teosofia* de C. W. Leadbeater. Em Dezembro sua mãe, em Pretória, adoece vítima de uma apoplexia.

1916

Publica na revista «Exílio» (Abril) o poema *Hora Absurda*.

Sá-Carneiro suicida-se em Paris no Hotel de Nice (26 de Abril). O seu último bilhete ao amigo diz: «Um grande adeus, adeus do seu pobre Mário de Sá-Carneiro».

Pessoa muda frequentemente de habitação: um quarto alugado na Rua Antero de Quental, outro na Rua Almirante Barroso, outro enfim na Rua Cidade da Horta.

1917

O governo português intervém na guerra enviando um corpo expedicionário para a frente francesa. Pessoa confia aos seus escritos pessoais as suas reflexões e as suas angústias acerca do conflito mundial.

Sai em Novembro o primeiro e único número de «Portugal Futurista» que contém poemas de Fernando Pessoa ortónimo e o *Ultimatum* de Álvaro de Campos.

Com A. Ferreira Gomes e o Eng.º Geraldo Coelho de Jesus, Pessoa abre um escritório de comissões e consignações na Rua de S. Julião, 45, 2.º (depois transferido para a Rua do Ouro, 87, 2.º). Passa a viver na Rua Bernardim Ribeiro.

